



Viagem à Lua e Guerra das Estrelas: uma 'História Verdadeira' de Luciano

Autor(es): Silva, Maria de Fátima

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/32060>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0499-2_12

Accessed : 18-Jan-2022 06:58:57

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Maria de Fátima Silva

Coordenação



topias
& Distopias

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO
Tipografia Lousanense, Lda.

EXECUÇÃO GRÁFICA
Tipografia Lousanense, Lda.

ISBN
978-989-8074-74-4

DEPÓSITO LEGAL
289002/09

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Maria de Fátima Silva
Coordenação

*U*topias
& Distopias

VIAGEM À LUA E GUERRA DAS ESTRELAS
UMA 'HISTÓRIA VERDADEIRA' DE LUCIANO

*São menos credíveis os prosadores que, nos seus relatos,
visam mais a sedução do auditório do que a verdade dos factos.
Tanto mais que se trata de acontecimentos
sem comprovação possível.*
Tucídides 1. 21. 1

A abrir a narrativa que intitulou *História Verdadeira*, Luciano antecipa-lhe o alvo e os atractivos (1. 2): 'Não será simplesmente a estranheza do assunto, nem o encanto do projecto a produzir sedução, nem mesmo as ficções variadas que introduzimos, de um modo convincente e inverosímil. Mas também o facto de cada pormenor da narrativa ser uma alusão – não sem intenção cômica – a certos poetas, historiadores e filósofos do passado, cujas obras contêm prodígios e fábulas sem fim'. É orientados pelo desafio do próprio autor que, em busca da estranheza, da diversão e de uma subtil caricatura, nos propomos iniciar uma viagem utópica, a que nos conduz até à Lua (HV 9-26)¹. Imaginar um trajecto, o mergulho num mundo exótico e realmente inacessível, e preenchê-lo de vida, eis a utopia que nos propomos reviver em companhia dos aventureiros de uma longa *História, Verdadeira* na sua fantasia.

É comum, nas abordagens de Luciano de Samósata, o exercício sempre difícil de retalhar o texto na pista das fontes inúmeras que nele se cruzam e sobrepõem. Sem nos exirmos à habitual tarefa, procuraremos ir um pouco mais longe e identificar, para além das remissões de superfície, a importação de estratégias literárias, tornando ao mesmo tempo visíveis os processos de distorção caricatural que estão na essência do estilo deste autor. Para além, naturalmente, de um propósito central num colóquio dedicado à utopia: o de avaliar como se imaginava, na tradição grega, o que só o mundo contemporâneo trouxe ao plano da realidade: a viagem à Lua.

¹ Dessa tremenda aventura é Luciano o primeiro narrador, na HV e no *Icaromenipo*, o que terá decisivamente contribuído para lhe ser devido o epíteto de criador da primeira obra de ficção científica conservada; cf. M. Fusillo, 'The mirror of the moon: Lucian's *A True Story* – from satire to utopia', in S. Swain (ed.), *Oxford Readings in the Greek Novel* (Oxford, 1999), p. 378.

Num espaço ainda introdutório, Luciano identifica os seus principais inspiradores (1. 3), Ctésias de Cnidos, ‘que escreveu sobre a Índia’, Iambulo ‘que se desdobrou em relatos extraordinários sobre o Oceano’² e – particularmente relevantes para nós que não dispomos dos textos antes identificados – ‘muitos outros que fizeram igual opção’³ e assumiram, como suas, errâncias longínquas, descrevendo feras enormes, homens cruéis, tipos de vida peculiares. O cabeça de fila e mestre destas baboseiras foi o Ulisses homérico’.

Nesta remissão ficam claros os alvos que Luciano privilegia, a literatura de viagens, empolada de ilusão, que se consagrou como um género autónomo sobretudo a partir da época alexandrina⁴; radicada no modelo da *Odisseia*, o percurso dos séculos não fez mais do que acentuar os elementos da ficção até aos limites do inverosímil, sobre uma trama afim da usada nos relatos de historiadores e geógrafos. Fócio (*Biblioteca* 166) acrescenta, à lista adiantada pelo próprio autor como sua fonte directa, António Diógenes (c. 100 d. C.) e o seu romance em 24 livros, para nós igualmente perdido, *Maravilhas para além de Tule*⁵, que continha exactamente um episódio de aventuras na Lua (cf. Fócio, *Biblioteca* 111a 7-11)⁶.

Se alongarmos a vista dos textos perdidos para os que conservamos, é na *Paz* e nas *Aves* de Aristófanes que encontramos o ponto de partida óbvio para as viagens ao céu, representado pelo Olimpo no primeiro caso, e pela galáxia das nuvens e dos cucos no segundo⁷. E façamos algumas aproximações inevitáveis. Em primeiro lugar, o impulso que determina a aventura: o que pode estimular um simples mortal a arrojarse numa tal ousadia? O crítico social que foi Aristófanes tem para a aventura um propósito único: o de escapar ao dia-a-dia sufocante da Atenas democrática sua contemporânea, com a ajuda dos deuses, no caso de Trigeu (*Paz* 67-68, 76-77, 92-106, 119-123), ou da imaginação própria do espírito ateniense, no de Pisetero e

² Ctésias de Cnidos traz, desde logo, ao conjunto um aroma oriental, próprio de uma tradição que abria a curiosidade dos Europeus a um mundo longínquo e, em boa parte ainda, misterioso e inacessível. Médico ao serviço da corte persa em princípios do séc. IV a. C., foi autor de um longo relato, em 23 livros, *Sobre a Pérsia*, bem como de uma primeira narrativa dedicada à Índia. Além de escassos fragmentos, dependemos, para o conhecimento de Ctésias, da sinopse de Fócio (*Biblioteca* 72). Iambulo (sobre cuja obra possuímos o relato de Diodoro 2. 55-60) imaginou-se habitante de uma ilha próxima do equador, no Oceano Índico (cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 73).

³ Sobre a popularidade que, sobretudo a partir do séc. V a. C., o relato de espaços e de comunidades não gregos conheceu, vide J. B. Bury, *The ancient Greek historians* (New York, reimpr., 1958), pp. 11-18, pp. 21-35; C. Soares, ‘A visão do ‘Outro’ em Heródoto’, in M. C. Fialho, M. F. Silva e M. H. Rocha Pereira (eds.), *Génese e consolidação da ideia de Europa* (Coimbra, 2005), pp. 97-98.

⁴ Cf. A. Georgiadou, D. Larmour, ‘Lucian’s *Verae Historiae* as philosophical parody’, *Hermes* 126. 3 (1998), pp. 310-314; R. Nickel, ‘Lucian’s *True Story*: impressions of a fancy voyage’, *Euphrosyne* 27 (1999), pp. 250-251; M. Fusillo, *op. cit.*, pp. 351-381.

⁵ Sobre a possível relação entre os dois textos, vide K. Reyhl, *Antonios Diogenes, Untersuchungen zu den Roman-Fragmenten der ‘Wunder jenseits vom Thule’ und zu den ‘Wahren Geschichten’ des Lukian* (Tubingen 1969); G. Anderson, *Studies in Lucian’s comic fiction* (Leiden, 1976), pp. 1-3; J. R. Morgan, ‘Lucian’s *True Histories* and the *Wonders beyhond Thule* of Antonius Diogenes’, *CQ* 35 (1985), pp. 475-490.

⁶ Este tipo de aventuras foi, por alguns comentadores, lido em sentido alegórico, como simbólico do próprio trajecto da vida humana; cf. Georgiadou and Larmour, *op. cit.*, *passim*.

⁷ Sobre a exploração deste mesmo tema noutros textos de Luciano, cf. G. Anderson, ‘Some sources of Lucian *Icaromenippus* 25 f.’, *Philologus* 124. 1 (1980), pp. 159-161.

Evélpides (*Aves* 27-41). O caricaturista do pensamento da sua época que Luciano encarnou olha o desconhecido como um espaço propício à busca da verdade filosófica⁸, para que se sente atraído por uma ordem de razões distinta da que movia o herói de comédia (1. 5): ‘O motivo e o objectivo da minha viagem estavam na curiosidade, no fascínio da novidade, na vontade de saber’⁹. Um pormenor interessante pode ser ainda valorizado nesta fase preambular da viagem. É que se na comédia a viagem ao céu resulta do propósito voluntariamente assumido pelos Atenienses desencantados com a realidade que os cerca, o mesmo percurso é, para Luciano, fruto do mero acaso, uma espécie de atracção involuntária que a natureza patrocina. Esta é uma motivação que traz à memória a própria curiosidade que impulsiona a investigação científica, que, no que à Lua se refere, tinha despertado em Heraclito e Parménides¹⁰. Porque a viagem empreendida pelo herói da *HV* é marítima, dirigida aos confins do Oceano Atlântico e aos povos que os habitam (1. 5); projecto que se vê inesperadamente interrompido por trajectos subsidiários, que condições imprevistas determinam, desde logo o ‘desvio’ pela Lua.

Do factor decisão ou acaso dependem, naturalmente, os meios usados na concretização do trajecto. Decididos a empreender um itinerário que os conduza às alturas, os heróis de comédia elaboram um plano, certamente difícil de conceber. Trigeu procede por tentativas: primeiro imagina uma escada¹¹, estratégia demasiado comezinho para permitir mais do que um tombo aparatoso (*Paz* 69-71); depois progride para uma solução mais sofisticada, que passa pelo voo sobre um escaravelho gigante do Etna, que os recursos do teatro corporizam na *mechane* (72 *sqq.*)¹². Era no mito que se inspirava, onde heróis como Belefónte, com recurso a cavalos alados, tinham empreendido aventuras semelhantes¹³. Pisetero e Evélpides são mais modestos de imaginação. Os meios, vão buscá-los simplesmente ao mercado de Atenas, esperando de um gaio e de uma gralha as qualidades de um guia genuíno e familiarizado com o terreno. Munidos desse antepassado dos modernos GPS, mais não lhes resta do que caminhar ‘em frente’ (*Aves* 1), como bandeira sugestiva para quem procura escapar às dificuldades do dia-a-dia.

Se, porém, a viagem à Lua não figura num projecto que se inicia como marítimo, são factores naturais, exteriores à vontade do sujeito, implícitos na própria natureza com que o ser humano convive, os que solucionam a dificuldade. Foi esta a

⁸ Este é claramente o pretexto da mesma viagem à Lua no *Icaromenipo*.

⁹ J. Lens Tuero e J. Campos Daroca, *Utopías del mundo antiguo* (Madrid, 2000), p. 24 falam da narrativa de viagem em primeira pessoa como característica dos textos utópicos com referência ao modelo da *Odisseia*, ou, mais tarde, da novela.

¹⁰ Cf. K. R. Popper, ‘How the moon throw some of her light upon the two ways of Parmenides’, *CQ* 42. 1 (1992), pp. 12-19.

¹¹ Tópico a que Luciano alude em *Icaromenipo* 2.

¹² Aliás à peripécia de Trigeu subjaz a caricatura de voadores célebres da cena de Eurípides, entre os quais Belerofonte, também ele um visitante do Olimpo, montado sobre o Pégaso, o cavalo alado (cf. frs. 306-307 N²). Duas foram as produções que o trágico lhe dedicou, *Estenebeia* e *Belerofonte*. Sobre a relação entre estas tragédias e a caricatura de Aristófanes, vide M. F. Silva, *Crítica do teatro na Comédia Antiga* (Lisboa reimpr., 1997), pp. 156-168.

¹³ Luciano, em *Icaromenipo* 2-3, 10, retoma toda esta tradição dos heróis voadores para viabilizar o voo de Menipo.

mola que deu satisfação à curiosidade de Luciano (1. 9): ‘De repente veio um furacão, que fez rodopiar o navio e o elevou nos ares até uns cinquenta e tal quilómetros¹⁴, sem o deixar cair de novo no mar. Mantinha-se suspenso, e um vento que lhe soprava nas velas e as enfunava ia-o empurrando’. Eis como uma viagem marítima, implícita na imaginação mediterrânica, se transformava num voo até à Lua, tendo como aparelho espacial um navio, como motor de propulsão velas enfunadas, e por combustível um vento ciclónico¹⁵. Para maior credibilidade, a ficção introduz factores de medida, de espaço e de tempo, a concretizar uma rota fantástica. Mas o que pode ser apenas a sugestão genérica da distância – como, em *Aves*, a referência a um caminho longo e desconhecido, o ‘andar à deriva por montes e vales’ (3-4), numa errância de milhares de quilómetros (6) – tende, em Luciano, para medidas concretas: um voo com um primeiro impulso de 300 estádios¹⁶, e um período de flutuação de sete dias e sete noites (1-10), onde reconhecemos um número mágico caro ao autor de *Samósata*.

Cumprida a distância, eis que um retrato da Lua nos é dado pelo aventureiro (1.10): ‘Ao oitavo dia, vimos como uma terra enorme no espaço, uma espécie de ilha, brilhante e redonda, que resplandecia com uma luz intensa’. Os termos usados não deixam de ser sugestivos: *terra* e *ilha* exprimem a necessidade de recorrer ao que é conhecido para o traçado do que é inédito ou simplesmente imaginativo. À imprecisão dos nomes sobrepõe-se a precisão dos qualificativos, onde o tamanho, a forma e sobretudo o brilho definem os contornos de um novo horizonte. Dada a natureza da nave espacial, a alunagem só pode corresponder à experiência de um navegante: ‘Aproximámo-nos, lançámos as amarras e desembarcámos’.

Assentes os pés num terreno estranho, começa a descoberta, da paisagem imediata e de um universo desconhecido que a cerca. Numa perspectiva em que vislumbramos o tradicional simbolismo das trevas e da luz como moldura da descoberta e do conhecimento, é preciso que a escuridão da noite caia para que uma nova realidade brilhe com nitidez (1. 10): ‘O dia, do lugar onde estávamos, não nos permitia ver nada. Mas quando a noite caiu, apareceram por perto muitas outras ilhas, umas maiores e outras mais pequenas, com uma cor semelhante à do fogo; lá em baixo avistava-se uma outra terra, com cidades, rios, mares, florestas e montanhas. Concluímos que se tratava da nossa própria Terra’¹⁷.

¹⁴ O texto diz 300 estádios, o que corresponde a cerca de 53 km.

¹⁵ Os ventos sempre fizeram parte determinante da aventura, desde a épica, e, com um sentido condicionador da decisão humana e do destino, da tragédia. Em Luciano persiste a mesma intervenção omnipresente dos ventos; cf. *e. g.*, neste episódio, 1. 5, 6, 13, 28, 29.

¹⁶ Medida esta que, no *Icaromenipo* 1, se concretiza em 3 000 estádios a separar a Terra da Lua. Neste último passo, Luciano hierarquiza, de resto, as distâncias, prosseguindo num roteiro ascendente: da Lua ao Sol mais 500 parasangas, e deste até à morada dos deuses ainda um dia em voo veloz de águia. Sobre a vulgaridade destas medidas espectaculares entre os filósofos, cf. ainda *Icaromenipo* 6.

¹⁷ A dificuldade previsível em se poder vislumbrar, da Lua, todos estes pormenores do planeta Terra é longamente comentada em *Icaromenipo* 12-15. Na *HV* 26, a dificuldade é resolvida com um espelho e um poço, que se contam entre as maravilhas da região: ‘Se se descer ao poço, ouve-se tudo o que se diz na Terra; e se se olhar para o espelho, vê-se todas as cidades e países, como se lá se estivesse ao pé’. Um poço é também referido no *Icaromenipo* 25 como um meio de comunicação entre o Olimpo e a humanidade (cf. Platão, *República* 617 b-c, onde se fala de uma espécie de canal ou coluna de comunicação entre o céu e a terra). Sobre o assunto, vide G. Anderson, ‘Some sources of Lucian *Icaromenippus* 25 f.’, pp. 159-161.

Com a enumeração dos traços geográficos que identificam a Terra, como o mundo civilizado e conhecido que se deixou, está aberto o acesso a um novo tópico: aquele que permite confrontar, em termos de civilização, o mundo grego, com as suas cidades, ou seja, a sua cultura – que, na época de Luciano, conhecia fronteiras amplas¹⁸ –, e um horizonte ‘bárbaro’, uma caixa de surpresas para quem pela primeira vez o percorre. De certa forma, a *HV* retoma, nesta avaliação, critérios que Heródoto e os trágicos do séc. V estipularam, para concretizar as diferenças através de um conjunto de práticas fundamentais. Regime de vida sedentário ou nómada, a existência ou ausência de um plano urbano ou do cultivo dos campos, a natureza dos habitantes, hospitaleiros ou selvagens, a dieta praticada, com menção particular para o uso do vinho como sinal de um programa alimentar sofisticado, a organização social e o regime político, e, por fim, a etiqueta em vigor, eis o que distingue, na tradição grega, as diferentes convenções culturais. Não é, portanto, ocasional o primeiro reparo que o terreno lunar suscita nos visitantes (1. 10): ‘Observámos a região, que era habitada e cultivada’. Ou seja, estamos diante de uma *verdadeira* civilização.

Ao mesmo tempo, Luciano traz à memória do seu leitor uma outra questão ponderosa e longamente debatida¹⁹ entre os filósofos: seria a Lua habitada? E à resposta negativa que o próprio dá no seu *Icaromenipo*, corresponde, no caso que nos interessa de momento, a ratificação do princípio, com raiz em Anaxágoras e nos pitagóricos, de que o distante satélite tivesse população²⁰.

Repetindo uma estratégia cômica, Luciano adia o encontro com o senhor da Lua, Endimião²¹, que abre aos visitantes o acesso a outro universo, pela interposição do seu braço armado, o corpo de guarda dos Hipótipos, ‘os cavalos-abutres’, uma espécie de ‘olhos e ouvidos do Rei’, que ‘têm por missão sobrevoar todo o território e levar diante do soberano qualquer estrangeiro que encontrem’ (1. 11). Eis-nos diante da réplica de Hermes, à entrada do Olimpo, que, em *Paz* 180 *sqq.*, confronta Trigueu para o informar da mudança de casa das divindades; ou do servo da Poupá, em *Aves* 60 *sqq.*, que, perante Pisetero e Evélpides, adia a vinda do patrão, Tereu. São também idênticas as funções que todos eles desempenham: de opor animosidade à expectativa

¹⁸ Os limites deste mundo que um grego da época de Luciano espera ver da Lua são mais concretamente enumerados em *Icaromenipo* 11: ‘Passei em revista o território dos Trácios criadores de cavalos, logo o dos Mísios, e a seguir a Grécia, a Pérsia e a Índia’.

¹⁹ Em *Icaromenipo* 5, Luciano faz uma alusão sugestiva a estas polémicas científicas, sem uma solução satisfatória para a curiosidade humana, quando escreve: ‘Mas o pior de tudo, na minha opinião, é que, embora nenhum deles concorde com o parecer do vizinho seja no que for, somando-se afirmações contraditórias e inconsistentes, mesmo assim cada um se julgava capaz de me convencer e procurava cativar-me para a sua teoria’. Cf. ainda *Icaromenipo* 20.

²⁰ Sobre uma possível ressonância de pormenor entre as doutrinas pitagóricas sobre os habitantes da Lua e a versão de Luciano, cf. Georgiadou and Larmour, *op. cit.*, pp. 314-315; Morgan, *op. cit.*, p. 480. A mesma polémica é referida em *Icaromenipo* 7, 20.

²¹ Endimião era, no mito, um jovem esbelto, que se tornou famoso pelo seu sono eterno numa montanha da Cária. Amado pela Lua (cf. Luciano, *Diálogos dos Deuses* 11 (19)), foi talvez por ela adormecido, para que não se apercebesse de quem era a beldade que se lhe entregava. Tem, portanto, todas as credenciais para desempenhar o papel que a *História Verdadeira* lhe atribui. No *Icaromenipo* 13, cabe a Empédocles substituí-lo (o que o texto expressamente assinala) como anfitrião de Menipo, o novo visitante da Lua; um processo de evaporação foi, no caso de Empédocles, a forma de vencer a barreira da distância.

dos recém-chegados, de abrir uma primeira brecha sobre o exotismo do interior, e de antecipar a vinda aparatosa do senhor do lugar²².

Os Hipótipos cumprem, em Luciano, as mesmas funções, acrescidas de uma responsabilidade cívica, de policiamento de fronteiras, que os coloca na dependência directa do soberano local. Uma nova pincelada se acrescenta ao quadro que reproduz outra civilização: a monarquia vigora como regime político, apoiada numa estrutura de que as forças de segurança são o primeiro sinal. A estranheza do nome²³, apenas o primeiro de uma avalanche de outros que abundam neste mundo dos astros, exige uma explicação, em que o autor também não é parco (1. 11): ‘Trata-se de homens montados sobre abutres gigantes, aves de que se servem como de cavalos. Estes abutres são enormes e, em geral, com três cabeças. Quanto ao tamanho, eis como podemos avaliá-lo: as penas, cada uma é mais comprida e mais grossa do que o mastro de um navio comercial’ (cf. *Odisséia* 9. 321-323). Sob a designação, aqui atípica, de ‘homens’ desenha-se um mundo ao avesso, cuja comparação com o que nos cerca é um ponto de partida para a definição de inversões ou singularidades.

A hostilidade previsível num lugar ‘bárbaro’, não grego portanto, tem a sua réplica neste episódio (1. 11) no aprisionamento dos estrangeiros, logo conduzidos à presença do monarca, Endimião (aqui num movimento inverso ao que a comédia exige, o de fazer entrar os recém-chegados, em lugar de fazer sair a autoridade residente). Endimião é o substituto, na Lua, do mítico Tereu de *Aves* de Aristófanes. Os critérios de distinção entre os representantes dos dois mundos é ainda o tradicional, o traje e a língua. É pelo que vestem que os viajantes são imediatamente reconhecidos como Helenos; a língua, essa, não põe problemas porque o grego vigora na Lua. Num retomar da etiqueta de que a passagem de Ulisses pela terra dos Feaces sempre foi o padrão, trocam-se informações: da viagem entretanto realizada pelos recém-chegados, aqui reduzida a uma breve síntese, compensada pela história do seu anfitrião. Tal como Tereu (*Aves* 71-73, 75, 114-119), também Endimião outrora tinha sido homem e vivido a estranha aventura de, involuntariamente, durante o sono – ou não estivesse ele mergulhado num sono eterno –, se ter visto transportado, por magia, para a Lua, onde se tornou soberano. Entre a agressividade ou a hospitalidade, critérios opostos que regulam os tradicionais encontros entre diferentes civilizações, Endimião veste a pele do *xenos*, do senhor hospitaleiro, para saudar a chegada dos visitantes com simpatia. O que começara com aprisionamento, remata em segurança e cordialidade.

O projecto dos heróis cómicos implicava a fuga do dia-a-dia conturbado de Atenas e do clima de guerra em que as cidades gregas se digladiavam, em busca de uma paz

²² Sobre esta estratégia convencional da comédia, vide M. F. Silva, *Ensaios sobre Aristófanes* (Lisboa, 2007), pp. 257-274. Sobre o caso particular de *Aves*, Th. Gelzer, ‘Some aspects of Aristophanes’ dramatic art in the *Birds*’, in E. Segal (ed.), *Oxford Readings in Aristophanes* (Oxford, 1996), pp. 196-200.

²³ Também a criação aparatosa de nomes falantes tem origem na tradição dramática, trágica e cómica. Cf. as ‘águias-grifos’ (*Rãs* 929) que Aristófanes relembra como típicas de Ésquilo (fr. 212E Mette), do mesmo modo que o famoso ‘cavalo-galo’ (*Paz* 1177, *Aves* 800, *Rãs* 930sq.; cf. Ésquilo fr. 212F Mette), ou o ‘bode-veado’ (Ésquilo, fr. 212G Mette). Sobre este motivo da linguagem teatral, vide M. F. Silva, *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*, pp. 198-199. Sobre o uso destes híbridos e o seu significado de caricatura aos filósofos em Luciano, cf. Georgiadou and Larmour, *op. cit.*, pp. 320-322.

duradoira; embora – há que lembrá-lo – Trigue se depare com um Olimpo abandonado pelos deuses, onde afinal a Guerra e o seu criado Tumulto reinam à solta. Luciano mescla as diversas situações: os seus aventureiros, que se movem em nome de uma curiosidade descontraída, vão afinal ao encontro de um conflito inesperado, o que se prepara entre os habitantes da Lua e do Sol, em que são chamados a participar.

Com a orientação da aventura para o desencadear de uma campanha militar, as reminiscências do narrador mudam também de rumo, da utopia cómica para o terreno da historiografia. Heródoto e Tucídides funcionam inevitavelmente de moldura à descrição que se prepara: o primeiro como relator de um tipo de campanha que tem a corte persa como ponto de partida e os sucessivos povos da vizinhança asiática, logo africana e por fim europeia, como objecto. Cada nova campanha obedece, na convenção narrativa de Heródoto, a um padrão regular, que o autor de Samósata aqui também adopta: procura de aliados e definição dos *aitia* da campanha; recrutamento de tropas, elencadas em longos catálogos, recheados de pormenores quantitativos, a que a prática homérica imprime naturalmente a sua marca; sistematização final dos costumes do povo vencido, que o império persa acaba de anexar aos seus domínios²⁴. A este modelo, as preferências de Tucídides, o cronista da guerra do Peloponeso, vêm acrescentar outros componentes: a estratégia de combate e os movimentos concertados das diversas forças, os troféus a assinalar a vitória e o processo diplomático, negociado entre os dois campos, a encerrar o conflito.

Trata-se também, na *História Verdadeira*, de uma campanha externa, a envolver os habitantes da Lua com os do Sol²⁵, súbditos de Faetonte²⁶. As causas são desde logo esclarecidas por Endimião (1. 12): ‘Tudo começou pela seguinte razão: eu tinha reunido a população com menos recursos e pretendia enviá-la a fundar uma colónia na Estrela da Manhã, que é deserta e desabitada. Logo Faetonte, num golpe de zelo, barrou o projecto, afrontando, durante a deslocação, os Hipermimecos (cavalos-formigas)’²⁷. Num combate fantástico, a divergência reproduz afinal tão simplesmente uma polémica com que a Grécia clássica conviveu com frequência: as dificuldades políticas e os jogos de interesses que se suscitam a propósito da fundação de uma colónia²⁸. Recrutados como aliados, os nossos viajantes irão ser testemunhas ao vivo do conflito. Conflito que, no pormenor descritivo, retoma a convenção há muito estabelecida por Heródoto e Tucídides na narrativa dos conflitos que envolveram a

²⁴ Em *HV* 2. 31, na visita que faz à Ilha dos Bem-aventurados, o narrador terá oportunidade de encontrar Heródoto, juntamente com Ctésias, sujeitos a eternas punições pelas mentiras que levaram a vida a relatar.

²⁵ Na perspectiva defendida por Georgiadou and Larmour, *op. cit.*, 316, 319, este conflito cósmico simboliza disputas entre filósofos e suas doutrinas, redimensionados à medida de monstros, enormes e estranhos.

²⁶ Faetonte era, no mito, filho do Sol. Ao chegar à adolescência, pediu ao pai que lhe permitisse conduzir o seu carro. Apesar da resistência paterna, ousou essa aventura, que, por inépcia do aventureiro em manter a rota correcta do carro do Sol, pôs a Terra em risco. Com o seu raio, o pai dos deuses fulminou o imprudente (cf. Luciano, *Diálogos dos Deuses* 25 (24)). Luciano retoma agora, a propósito do Sol, a polémica de saber se é habitado, que tinha uma tradição estoica (cf. Lactância 3. 23. 41).

²⁷ Aristóteles, *História dos Animais* 606^a; Plínio, *História Natural* 11. 36, usam esta palavra como uma designação técnica para ‘formigas-gigantes’.

²⁸ Esta guerra, com motivações coloniais, é construída, em traços largos, sobre a narrativa que Tucídides faz, no seu Livro I, do episódio de Epidamno. Cf., em particular, 1. 26. 1-2, 1. 27. 1-2.

Atenas do séc. V contra os Persas e depois contra a sua concorrente espartana. Sobre cada um dos elementos convencionais, Luciano introduz a deformação caricatural²⁹.

Vistosos são, desde logo, os números que contabilizam os efectivos de cada batalhão. Reproduzem, sem dúvida, a preocupação de Heródoto ao descrever as forças que, sob o comando de Xerxes, atacaram a Grécia (7. 44-49, 7. 59, 7. 61-83, 7. 84-99, 9. 28-32); a revisão constante a que o monarca persa as sujeitava funcionava no seu espírito como um factor de segurança e de dimensionamento relativo face ao inimigo³⁰. Na descrição fantástica de Luciano impõe-se o efeito de simples aparato, que aliás equilibra as duas partes. Somados os Selenitas e os seus aliados atinge-se dezenas de milhões de combatentes (1. 13, 15), a que fazem frente totais não menos impressionantes do lado contrário (1. 16). Sob o poder avassalador dos números, reparte-se a especificidade das competências. Cada pelotão tem um nome imaginativo, que se combina com a montada que usa e com as armas que empunha³¹. É natural que o elemento cavalo intervenha na designação de forças militares; surpreendentes são, contudo, as combinações paradoxais que a imaginação permite: com abutres (os Hipógiptos, 1. 11, 13); com cegonhas (os Hipogéranos, cuja ausência não é menos expressiva sobre o aspecto que teriam: 'A esses não os vi, porque finalmente não vieram. Daí que não me arrisco a descrever-lhes o aspecto. Mas a respeito deles era prodigioso e incrível o que se dizia', 1. 13)³²; ou com formigas (os Hipomirmeces, 'bichos enormes, alados, parecidos com as nossas formigas, mas gigantes. A maior atingiu 60 metros de comprido', 1. 16)³³. E não nos iludamos com possíveis dificuldades na harmonia de tamanhos tão díspares, como o dos cavalos e das formigas, porque nas galáxias distantes onde a batalha tem lugar todas as espécies são de dimensões inauditas.

Porque se trata de operacionais do ar, asas são também um elemento de grande utilidade. Daí o potencial dos Aeroconopes ('Mosquitos aéreos', ou seja, 'arceiros montados em mosquitos', 1. 16), como naturalmente dos desconhecidos Aerocórdaces ('Bailarinos aéreos', 1. 16), um corpo de infantaria ligeira aliado do Sol; ou dos Estrutobálanos ('Glandes de pardal', 1. 13). Ou mesmo, num cúmulo de ficção, os Lacanópteros, cavaleiros 'com asas de hortaliça' (1. 13), 'aves gigantes, inteiramente cobertas de legumes, em vez de penas, cujas asas parecem folhas de alface'. Luciano compraz-se na fusão de 'padrões de paz', como os inofensivos repolhos, com as arremetidas do combate³⁴.

²⁹ Apesar de ser essencial a marca épica e historiográfica que preside à descrição fantástica das tropas, aliadas e inimigas, o contacto de Pisetero e Evélpides com os seres exóticos que povoam o mundo das aves e que, convocados por Tereu, irão desfilar diante dos seus olhos, não deixa de ser uma aproximação sugestiva (*Aves* 268 *sqq.*).

³⁰ Cf. M. F. Silva, 'O desafio das diferenças étnicas em Heródoto: uma questão de inteligência e de saber', II, *Humanitas* 53 (2001), pp. 3-48.

³¹ Foi já reconhecida a influência decisiva da *Batracomiomaquia* sobre esta componente da *História Verdadeira*; cf. L. Hermann, 'Recherches sur Babrius', *AC* 19 (1949), pp. 359-361.

³² As próprias reticências (cf. 1. 18, 25, 26), a exprimir a preocupação de veracidade – tanto mais descabidas num contexto de um exagero grotesco e puramente ficcional – são também paródia dos historiadores; cf., *e. g.*, Heródoto 1. 193; Tucídides 3. 113. 6.

³³ Heródoto refere também formigas gigantes, maiores do que raposas, em 3. 102.

³⁴ Aristófanes, *Lisístrata* 561-564, parodiava, como estranha, a mesma combinação, ao traçar o retrato da ágora de Atenas em anos de guerra, onde combatentes de elmo na cabeça e armas na mão arrematavam legumes e frutas.

Contradições semelhantes, entre objectos comuns e as funções inusitadas que lhes são atribuídas³⁵, resultam também de outras forças: os Cencróbolos, ‘Lanceiros de grãos de milho’ (1. 13), os Escorodómacos, ‘Guerreiros de dente de alho’ (1. 13), ou os Caunomicetas, hoplitas ‘de pés de cogumelo’ (1. 16), ‘que usavam escudos feitos de cogumelos e lanças de pés de espargo’. Juntos com os rabanetes mortíferos que os Aerocórdaces projectavam contra o inimigo, contribuíam a cruzar de estranhas sensações – visuais e olfactivas – o terreno de luta (1. 16).

A forma de locomoção apropriada à especificidade do território é também decisiva para algumas designações. Que os Psilotóxotes, ‘arheiros montados em pulgas’ (1. 13) – desta vez confrontadas em vantagem com os elefantes, cada pulga equivalente a uma dúzia de elefantes – sejam um corpo militar ágil, em função da natureza das montadas que usam, é evidente³⁶; mas não menos velozes serão, certamente, os Anemódromos, ‘corredores do vento’ – ‘tropas de infantaria que se movem, sem asas, pelos ares (...). Usam túnicas até aos pés, arregaçam-nas e fazem-nas inchar pelo vento, como se fossem velas, e são arrastados como barcos’ -, que constituem, por natureza, ‘o corpo de infantaria ligeira’.

Por fim, inspirados no mito, são os Cinobálanos, ‘os Glande de cão’ (numa inclusão do grotesco sexual inspirado na comédia) – ‘cinco mil homens com focinho de cão a combater sobre glandes aladas’ –, vindos de Sirius, a estrela brilhante que pertence à constelação do Cão, como aliados do Sol³⁷; e os Nefelocentauros³⁸, os conhecidos híbridos transferidos para a Lua: ‘Compunham-se de cavalos alados e de homens. O tamanho da parte humana igualava o do colosso de Rodes, na metade superior; o do cavalo dava a ideia de um navio mercante de enormes dimensões’ (1. 18).

Para além da referência permanente à especificidade dos batalhões – cavaleiros, arheiros e infantes –, Luciano não esquece também a tradição, com raiz em Homero, da descrição das armas. A cada peça da convenção protocolar do vestir do guerreiro acrescenta, no entanto, o toque aberrante, completando, pela mistura indiscriminada de elementos, um estranho espectáculo de combatentes nesta guerra das estrelas: elmos de favas, couraças de escamas, escudos e espadas semelhantes aos dos Gregos (1. 14)³⁹. A propósito do grotesco que subjaz a este catálogo, coerente com o tom fantástico que é próprio desta *História Verdadeira*, Georgiadou e Larmour⁴⁰ reconhecem-no como o cumprimento do objectivo na introdução anunciado: o de contar mentiras de uma forma credível.

Identificadas as forças, a narrativa prossegue com a disposição estratégica no campo de batalha. A simples palavra ‘campo’ produz, desde logo, um arrepio e uma dúvida: como ‘campo’, nas alturas do firmamento? Nada para que a imaginação do autor de *Samósata* não tenha previsto uma resposta: ‘aranhas do tamanho das Cíclades teceram uma teia que

³⁵ Este é um processo muito vulgar na comédia: cf. Aristófanes, *Paz* 1214-1264.

³⁶ Em *Nuvens* 144-152, 831, também a pulga e a medida do seu salto é avaliada como uma questão científica de grande gabarito.

³⁷ Cf. Heródoto 4. 191, a propósito dos Cinocéfalos da Líbia, os mesmos que Ctésias situa na Índia (cf. Fócio, *cod.* 72, 48^a).

³⁸ Cf. Aristófanes, *Nuvens* 346, onde Estrepsiades se recorda de ter visto nuvens com configuração de centauro.

³⁹ Sobre as variantes, relatadas por Heródoto, do armamento de outros povos, avaliado por comparação com as armas típicas do hoplita grego, de que se distanciam na forma, no tamanho e nos materiais, cf. C. Soares, *op. cit.*, pp. 118-120.

⁴⁰ *Op. cit.*, p. 315.

serviu da habitual planície para a luta' (1. 15). Nesse espaço se dispõem as linhas de batalha, o senhor da Lua com as tropas de elite à direita, a cavalaria dos Lacanópteros à esquerda, as forças aliadas ao centro. Como chefe Nictérion, 'o Nocturno', filho de Eudíanax, 'o Senhor do bom tempo', e outros dois. Qualquer leitor treinado em Tucídides reconhece, nos termos da narrativa – linhas de combate, identificação dos batalhões e dos chefes respectivos –, um modelo, que transporta para a ficção celeste campanhas terrestres e concretas (cf. Tucídides 1. 29. 1-2, 1. 46. 1-2, 1. 48, 1. 60. 1-2, 4. 93. 4), e para a narrativa de ficção a linguagem convencional da guerra.

Não menos convencional é a descrição sintética do combate, sempre na linha de Tucídides. São primeiro os sinais do romper das hostilidades, o erguer dos estandartes e o soar das trombetas⁴¹, substituído, na batalha orbital, pelo zurrar dos burros⁴². Depois as consequências de uma primeira arremetida, a ala esquerda dos Heliotas em fuga, enquanto a sua ala direita ganhava vantagem sobre os Selenitas (cf. Tucídides 1. 49. 4-6), fortalecida pela intervenção de tropas de reforço (cf. Tucídides 1. 50. 5 – 51), sem, no entanto, impedir que a primeira confrontação fosse favorável aos Selenitas; logo, porém, a chegada dos Nefelocentauros, em socorro do Sol, transtornaria o resultado final, com a vitória dos Heliotas (1. 18).

Nem na ficção o combate deixa de ser cruel e de se saldar em torrentes de mortos e de prisioneiros. A redimir a violência da chacina, de que o velho Homero se mostrara um relator inesquecível, Luciano arrisca um *aition*, a que não falta beleza (1. 17): 'O sangue corria a rodos pelas nuvens, a ponto de as tingir e de as tornar rubras – com o aspecto que têm ao pôr-do-sol. Gotejava também sobre a terra, com abundância, e eu dei por mim a perguntar se algo do género não teria também acontecido, um belo dia, nas alturas, levando Homero a pensar que Zeus tinha feito chover sangue na ocasião da morte de Sarpédon' (*Iliada* 16. 459). Consumado o desfecho de cada batalha, erguem-se os troféus (1. 18), no retomar de uma prática consagrada ao longo da guerra do Peloponeso (cf. Tucídides 1. 30. 1, 1. 54. 1-2, 1. 105. 6). É claro, em todo este episódio de guerra planetária, a metodologia que Morgan⁴³ considera própria de um autor de sátira: 'Por exemplo, a mentira incrível de um historiador pode ser ridicularizada por um tal grau de exagero que a leve às raias do absurdo; ou um motivo que atenta contra a credulidade pode ser caricaturado, se transplantado para um contexto distante e claramente ficcional'. O que significa que é sobretudo uma diferença de contexto ou de grau o que transforma, em Luciano, realidade em utopia.

Terminado o conflito com vantagem para o Sol, impõem-se restrições aos vencidos e acciona-se o jogo diplomático. A pressão sobre o inimigo exercem-na os Heliotas com a construção de uma muralha de nuvens, que corta aos Selenitas a luz e os coloca sob o efeito de um permanente eclipse total⁴⁴. Não era este o primeiro muro que a

⁴¹ Cf., e. g., Tucídides 1. 49, 1. 50. 5; cf. ainda, a propósito do desencadear das hostilidades na batalha de Salamina, Ésquilo, *Persas* 386-395.

⁴² Cf. Heródoto 4. 129.

⁴³ *Op. cit.*, pp. 476-477.

⁴⁴ Luciano, no *Icaromenipo* 20, insiste na mesma ideia da dependência da Lua em relação ao Sol em termos de luz, sob forma de uma reclamação que o planeta faz por haver quem conteste como seu o brilho que lhe pertence de pleno direito. Tratava-se, para o autor de Samósata, de ridicularizar uma teoria que de há muito dividia os filósofos: cf. Tales, 11^A 17b D.-K.; Heraclito 22A 1; Parménides 28B 14; Empédocles 31B 45; Anaxágoras 59B 18; Plutarco, *Moralia* 929a-e. Sobre as especulações científicas em torno da Lua, cf. Popper, *op. cit.*, pp.14-15.

literatura grega construía nas nuvens. Já em *Aves* (550-559, 1124-1167), os céus se viram cruzados por uma cintura de muralhas a delimitar fronteiras, segundo o modelo que Heródoto (1. 178) relatava como o dos célebres muros de Babilónia: extensos, altos e robustos, formados de dois panos de muralha paralelos. Na utopia cómica, recuperavam o mesmo objectivo: o de condicionar a rotina do inimigo (1. 19)⁴⁵. A forma de pressão mostra-se eficaz: se os deuses cedem, em *Aves*, e depõem o tradicional ascendente e autoridade, como não se resignarão os Selenitas às condições pesadas de um acordo? Em troca do derrube das muralhas e do regresso da luz, os vencidos aceitam condições humilhantes, idênticas às que várias cidades gregas tiveram de acatar, durante a guerra do Peloponeso, face à supremacia de Atenas (cf. Tucídides 1. 56. 2, 1. 101. 3, 1. 108. 4, 4. 18-19, 5. 18. 1 – 19. 2): pagamento de impostos, submissão às regras de uma aliança, suspensão das hostilidades e entrega dos reféns (1. 19-20). Uma dupla assembleia, em que a opinião do povo heliota divergiu, de uma cólera ainda renitente no primeiro dia, para a tolerância do segundo, repetia momentos famosos da atitude popular ateniense ao longo do conflito que dividiu as cidades gregas, na questão entre Corcira e Corinto (Tucídides 1. 44. 1), como no célebre caso de Mitilene (Tucídides 3. 36 sq.). Uma estela de âmbar, erguida em pleno céu, formalizou os termos do acordo; mas, lembram Georgiadou e Larmour⁴⁶, o âmbar, muito ligado ao mito de Factonte, tem em Luciano a noção de um suporte de mentiras e falsidades; logo nada de estável se pode esperar de um tratado escrito no âmbar; não o testemunhavam os modelos de tréguas precárias de que a Grécia clássica, levada pela guerra até ao esgotamento, era a prova? Ou, do lado dos filósofos, será que algum dia a polémica entre Sol e Lua sobre a questão da luz teria fim?

À maneira de Heródoto, a campanha termina com o relato dos *nomoi* dos vencidos e os tópicos são aqueles com que o historiador de Halicarnasso caracteriza as comunidades distantes e selvagens⁴⁷: aliados a uma fisiologia própria, os hábitos alimentares, o sexo associado com os casamentos e a renovação social, o uso dos materiais no quotidiano, a velhice e a morte (1. 22-23).

Numa sociedade inteiramente masculina, onde ‘nem mesmo a palavra mulher é conhecida’⁴⁸, casamentos e nascimentos são homossexuais. Na Lua foi possível o que o Hipólito euripídiano desejava na sua fantasia de puritano (Eurípides, *Hipólito* 616-624): uma reprodução que excluísse a intervenção feminina. Do modelo de gestação foi inspirador o velho mito de Dioniso saído da coxa paterna, depois que a mãe pereceu, pondo em risco a sobrevivência do filho de Zeus. Com esta convive, na Lua, uma raça à parte, a dos Dendritas, que nasce da plantação de testículos e se colhe depois de partidas as cascas dos frutos que enormes árvores, em forma de falo, engendram. Mitos, como o de Tebas, que faziam brotar a raça humana do solo, depois de plantados os dentes de um dragão, ou as teorias de Empédocles sobre a origem,

⁴⁵ Na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides (1. 90. 3), a questão que envolveu a construção das muralhas de Atenas e o seu sentido político merece uma atenção destacada.

⁴⁶ *Op. cit.*, p. 323.

⁴⁷ Cf. C. Soares, *op. cit.*, *passim*.

⁴⁸ Sobre a incompatibilidade entre sexos numa mesma comunidade social, cf. o caso das Amazonas (Heródoto 4. 114. 3). A importância do casamento nos capítulos de costumes está abonada em Heródoto, *e. g.*, 1. 216. 1, 4. 104, 4. 180, 4. 199.

indistinta, de animais e plantas⁴⁹, estão sem dúvida subjacentes a esta estranha raça. Os órgãos sexuais⁵⁰ são, aliás, na Lua, de marfim ou de madeira, de acordo com a classe social, uma ideia que sugere a aplicação estranha que povos selvagens dão dos diferentes materiais que os Gregos bem conheciam (cf. Heródoto, *e.g.*, 1. 215. 1, 3. 23. 4). A falta de orifícios naturais exclui a existência de excrementos, fazendo da Lua um lugar puro e despoluído (cf. Ctésias, *apud* Fócio *cod.* 72). A valorização dos carecas sobre os cabeludos não só lembra o famoso gracejo de que Aristófanes foi vítima por parte dos seus contemporâneos (*Nuvens* 540, *Paz* 767-773), numa Atenas onde ser careca era motivo de troça, como recorda, por contraste, povos distantes nos confins da Cítia, que Heródoto, repetindo versões correntes, descreve calvos, independentemente do sexo (4. 23). A par dos cabelos, a distribuição dos pêlos no corpo provoca uma estranha geografia humana, de que Ctésias parece o inspirador. Por fim, olhos amovíveis, susceptíveis de variedade como qualquer túnica ou par de sapatos, além de orelhas de folhas de plátano ou de madeira, completam a estranheza de uma raça não humana, onde, no entanto, a hierarquia social estabelece vantagens de qualidade e de abundância.

Uma dieta particular evoca muitos dos relatos de Heródoto sobre os povos do oriente e da Líbia: o fumo que ingerem, em banquete comum, em torno da fogueira que lhes faz os assados, lembra prática semelhante dos Masságetas (Heródoto 1. 202), ou dos Cítas (4. 75); o mel, o leite, o azeite e a água produzida pelos frutos da videira⁵¹ asseguram-lhes uma dieta de tipo mediterrânico (1. 24); além do orvalho que lhes serve de bebida (1. 23; cf. *Icaromenipo* 13) a completar o regime. Como trajos⁵² usam, conforme a classe social, vestes de vidro ou de cobre⁵³. Por fim, a morte e o tratamento dos cadáveres é tão simples quanto uma banal evaporação no ar (1. 23): animados, na hora de vir ao mundo, por um sopro de vento (1. 22), ao ar voltam no fim dos seus dias⁵⁴.

Assim terminava uma etapa de um percurso marítimo, tão permeável à ficção e à fantasia. Cruzando fontes múltiplas, para denunciar o caminho que a prosa, à partida mais objectiva e mais realista, assumia, em riscos de enveredar pelo tom maravilhoso consentido à poesia – de que Homero continuava a ser a primeira referência, – Luciano propõe-nos uma viagem à Lua. Surpreendentemente lá encontraremos muitos elementos terrestres, mesclados em combinações inéditas; mas por trás desse aparato imaginativo, deparamos sempre com o Homem e a sua existência, de normalidade ou de conflitos, num reflexo essencial do modelo de vida que a Terra proporciona. Tudo sob o manto diáfano da imaginação, dessa mentira que, se reconhecida, constitui a fundamental verdade de uma *História Verdadeira* (1. 4): ‘Escrevo sobre o que nunca vi, nem experimentei, nem ouvi contar e, mais ainda, sobre o que não existe nem poderá jamais existir’.

⁴⁹ Cf. Georgiadou and Larmour, *op. cit.*, p. 324.

⁵⁰ As diferenças fisiológicas constituem um critério comparativo também em Heródoto: cf. *e. g.*, 3. 20. 1, 3. 101, 3. 114, 4. 108. 1.

⁵¹ Sobre o regime alimentar de povos remotos em Heródoto, cf. *e. g.*, 1. 202, 1. 216. 4, 3. 23. 1, 4. 184. 4, 4. 186. 1; vide C. Soares, *op. cit.*, pp. 121-129.

⁵² As menções ao traje em Heródoto, como peculiaridade de um povo, são frequentes; cf., *e. g.*, 1. 215. 1, 4. 106.

⁵³ Sobre a estranheza de certos materiais aplicados, noutras comunidades, na confecção dos trajos, cf. Heródoto 3. 98. 4, 7. 65. 2, 7. 67, 7. 71, 7. 89. 1.

⁵⁴ Sobre os rituais fúnebres entre os bárbaros em Heródoto, cf. C. Soares, *op. cit.* 149-164.

Bibliografia

- G. Anderson, 'Some sources of Lucian *Icaromenippus* 25 f.', *Philologus* 124. 1 (1980), pp. 159-161.
- G. Anderson, *Studies in Lucian's comic fiction* (Leiden, 1976).
- J. Bompaire, *Lucien écrivain. Imitation et création* (Paris, 1958).
- J. B. Bury, *The ancient Greek historians* (New York, reimpr., 1958).
- M. Fusillo, 'The mirror of the moon: Lucian's *A True Story* – from satire to utopia', in S. Swain (ed.), *Oxford Readings in the Greek Novel* (Oxford, 1999), pp. 351-381.
- A. Georgiadou, D. Larmour, 'Lucian's *Verae Historiae* as philosophical parody', *Hermes* 126. 3 (1998), pp. 310-325.
- K. Reyhl, *Antonios Diogenes, Untersuchungen zu den Roman-Fragmenten der 'Wunder jenseits vom Thule' und zu den 'Wahren Geschichten' des Lukian* (Tübingen, 1969).
- J. Lens Tuero e J. Campos Daroca, *Utopías del mundo antiguo* (Madrid, 2000).
- J. R. Morgan, 'Lucian's *True Histories* and the *Wonders beyond Thule* of Antonius Diogenes', *CQ* 35 (1985), pp. 475-490.
- R. Nickel, 'Lucian's *True Story*: impressions of a fancy voyage', *Euphrosyne* 27 (1999), pp. 249-257.
- K. R. Popper, 'How the moon throw some of her light upon the two ways of Parmenides', *CQ* 42. 1 (1992), pp. 12-19.
- M. F. Silva, *Crítica do teatro na Comédia Antiga* (Lisboa, reimpr., 1997).
- M. F. Silva, 'O desafio das diferenças étnicas em Heródoto: uma questão de inteligência e de saber', II, *Humanitas* 53 (2001), pp. 3-48.
- M. F. Silva, *Ensaio sobre Aristófanes* (Lisboa, 2007).
- C. Soares, 'A visão do 'Outro' em Heródoto', in M. C. Fialho, M. F. Silva e M. H. Rocha Pereira (eds.), *Génesis e consolidação da ideia de Europa* (Coimbra, 2005), pp. 95-176.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2009

